

INTERNACIONAL/Dívida Externa

Citicorp convoca bancos para apressar créditos mexicanos

John Reed, presidente da instituição, quer romper o impasse das negociações

NOVA YORK — O presidente do Citicorp, John Reed, na condição de maior credor da América Latina, convocou ontem uma reunião de emergência com outros banqueiros internacionais para tentar superar o impasse criado na renegociação da dívida externa do México. Embora o resultado dessa reunião não tenha sido divulgado até a noite, fontes próximas ao Comitê de Bancos Credores (que reúne 16 instituições sob a liderança do Citicorp) adiantaram que Reed teria apresentado nova proposta conciliatória para os banqueiros chegarem finalmente a um acordo.

A última proposta norte-americana, entregue ao principal negociador da dívida externa mexicana, Angel Gurria, previa mecanismos de redução do total dos débitos mexicanos em até US\$ 14,6 bilhões. A iniciativa, apoiada pelo Citicorp e outros bancos dos EUA, mas rejeitada por bancos europeus — entre eles o francês Société Générale e



Fernando Pimentel/AE

Reed: tom conciliador.

o britânico Lloyds Bank —, estabelecia dois percentuais para reduzir a dívida mexicana: 30% sobre a chamada dívida velha, contraída antes de 1982, no valor de US\$ 38 bilhões; e 20% para os créditos de US\$ 16 bilhões concedidos ao país após aquela data. Os europeus, no máximo, aceitam perder 25% de seus empréstimos, um índice considerado insuficiente pelo governo mexicano, que pede 45% de redução de seus débitos.

A urgência com que Reed convocou a reunião de ontem, no edifício-sede do Citicorp, em

Manhattan, fez surgir especulações de que, por pressões da Casa Branca, os bancos americanos colocaram o acordo com o México como **top priority** (prioridade máxima). É que o presidente George Bush, ao se aproximar a reunião dos sete ricos — o G-7 — em Paris, no dia 14, quer levar o caso mexicano solucionado, para provar que o projeto do secretário do Tesouro, Nicholas Brady — o Plano Brady —, funciona e é factível para outros países endividados do Terceiro Mundo. “A Casa Branca pressiona os bancos por todos os lados”, afirmou uma fonte de Nova York, “e recentemente o diretor do Federal Reserve (Banco Central) novo-iorquino, Gerald Corrigan, reuniu-se com os banqueiros para examinar com eles esse problema.”

Na sexta-feira passada, o ministro mexicano das Finanças, Pedro Aspe, seguiu para os EUA e, segundo a agência oficial de notícias do México Notimex, “foi portador da recusa oficial à proposta americana”. Ontem, entretanto, circulavam rumores de que o governo mexicano poderia rever sua posição e fechar um acordo com os bancos antes do dia 14.